

O DIABO		MAIS	
TEMPO		TV-GUIA	
O PAÍS		SETE	
O JORNAL		ÊXITO	
TAL & QUAL		A BOLA	
EXPRESSO		GAZETA DOS DESPORTOS	
SEMANÁRIO		RECORD	
<i>Drama de Lisboa</i>	12. NOV. 1985	OFF-SIDE	

JOÃO SOARES LOURO



Fundação Cuidar o Futuro

MESA DL

Texto João Mendes
Fotos Rui Pacheco

João Soares Louro, ex-presidente do conselho de gerência da RTP, é também o homem que partiu ao meio a Comissão Nacional do PS, depois de 6 de Outubro, com uma moção extremamente crítica em relação aos «soaristas». Hoje, apoiando a quase garantida candidatura de Salgado Zenha à Presidência, ele senta-se connosco à «Mesa 'DL'» do «Faz Figura» para reflectir sobre os diversos candidatos e sobre a nova relação de forças partidárias. «O PS e o PRD — diz ele — ainda virão a desaguar na mesma foz». Sobre o Eanismo, diz que «se trata na prática, de uma invenção da direcção do PS». E sobre quem será a equipa de gestão da RTP a designar por Cavaco Silva, admite que possam regressar à televisão os homens da AD, que a ocuparam em 1980, «para privilegiarem um candidato».

Zenha pode protagonizar a aproximação PS-PRD

A inevitável aproximação, a prazo, entre PS e PRD passará pelo sacrifício político de alguns personagens importantes, tanto de um lado como do outro

— Soares Louro, é sabido que a sua moção, fortemente crítica em relação à Comissão Política do PS, conseguiu partir ao meio a Comissão Nacional do partido, na sua primeira reunião depois de 6 de Outubro. Acabou derrotado por 46 contra 43 votos, com 26 abstenções, entre as quais a de Mário Soares. Esperava tal resultado?

— Não me surpreendeu. Penso que a maioria dos dirigentes do PS entendem, embora não o exprimam com clareza nem através do voto, que é urgente a mudança na direcção do partido. É um problema que está latente e que a curto prazo, o mais tardar no próximo congresso, tem de ser equacionado. Eu diria que mesmo antes do congresso, na fase preparatória que vai decorrer logo após a eleição presidencial, e em que se farão as eleições para os congressos distritais e para as federações distritais, já estará a travar-se a batalha pela renovação do PS. Senão o partido correrá riscos, desmedidos riscos. A actual direcção tem conduzido o partido a sucessivas derrotas e descaracterizações, como se esquecesse o papel histórico, social e político do partido.

— Mas se a situação é de emergência, porque motivo essa «renovação» está adiada para depois das presidenciais? Porque a actual «trégua interna»?

— O calendário político nacional é, no imediato, assaz complexo. Temos, dentro de poucas semanas, eleições autárquicas, e logo depois a eleição presidencial. Mudar completamente a direcção política do partido, neste momento, poderia ser muito bom ou muito mau.

A avaliação dos custos de tal medida é impossível de fazer.

O que é inadmissível

O que é inadmissível é que esta direcção, ou a grande maioria dos seus membros, não tenha, no próprio dia em que se conheceram os resultados eleitorais, ou no dia seguinte, posto os seus lugares à disposição da Comissão Nacional. Isto seria a atitude mais normal em qualquer país, seria a consequência natural de uma derrota que é a maior derrota do PS nos últimos anos.

— Se o general Eanes vier a liderar efectivamente o PRD após as presidenciais de Janeiro ou Fevereiro, considera que está aberta a via à «italianização» do PS, em próximas legislativas?

— Alguns erros trágicos da direcção do Partido Socialista, de forma mais marcante desde 1980, quando da reeleição do general Eanes para a Presidência da República, com o vómito do secretário-geral, dr. Mário Soares, descambaram no aparecimento do eanismo que, na prática, é uma invenção da direcção do Partido Socialista. O PRD é a materialização desse eanismo; é um filho do Partido Socialista, nascido contra a vontade dos seus progenitores, salvo num caso — o do dr. Mário Soares. O PRD, tal como existe, resulta de repetidos equívocos criados no seio do PS.

Desaguar na mesma foz

Penso que estamos a viver uma fase de transição na área do socialismo democrático,

ou, se preferir, na área antes constituída pela FRS. E que um dia destes nos encontraremos no mesmo espaço, desaguardo numa mesma foz e convertendo-nos num mesmo, grande e amplo partido. Esse sim, trará à vida nacional a consolidação e a estabilidade que ela deseja, e poderá orientá-la sem sobressaltos, sem surpresas... e sem a instabilidade que, com excepção do órgão de soberania que é a chefia do Estado, tem atingido a nossa vida política, fazendo tremer, embora sem a fazer cair, a jovem democracia portuguesa.

— Mas que forma terá esse encontro? Fusão dos dois partidos? Aliança com vista a eleições e acordo de Governo?

— Penso que cada um ainda terá de correr, de percorrer o seu caminho. Não se trata de uma fusão a curto prazo; trata-se, estando ambos no mesmo espaço político, ou em espaços políticos muito próximos, de compreender que só algumas questões de natureza pessoal e de natureza política, ao nível das direcções do PS e, eventualmente, do PRD, impedem essa aproximação. Ora, essas questões terão de ser sacrificadas à vontade das bases de ambos os partidos, e ao que será, afinal, a vontade da maioria do eleitorado. Elas podem retardar a aproximação, mas a aproximação é inevitável. Claro que isto passará pelo sacrifício político de alguns personagens importantes, tanto de um lado como do outro.

— No caso do PS, está a pensar concretamente no dr. Mário Soares?

— Estou a pensar concretamente no dr. Mário Soares.

O DIABO	MAIS
TEMPO	TV-GUIA
O PAIS	SETE
O JORNAL	EXITO
TAL & QUAL	A BOLA
EXPRESSO	GAZETA DOS DESPORTOS
SEMANARIO	RECORD
<i>Drone de Lisboa</i>	OFF-SIDE

JOÃO SOARES LOURO

Continuação da pág. 11

— ... No seu afastamento da vida partidária, depois de eventual derrota nas presidenciais?

— O dr. Mário Soares é uma grande figura da vida política portuguesa, o País deve-lhe relevantes serviços, ele é um dos pais da democracia portuguesa e trouxe a Portugal o apoio, o carinho e o interesse de muitos países, através das relações que mantém e sabiamente desenvolveu. Mas não tem sido feliz, nem à frente do Partido Socialista, nem à frente do Governo. Talvez que a sua vocação seja a de um grande agitador das ideias democráticas, e não a de executante, de dirigente no terreno, de dirigente do próprio PS.

A acção no terreno

— E no PRD, o que é que, em seu entender, deve modificar-se, para que se processe a aproximação entre os dois partidos?

— O PRD tem um programa e um estatuto, tem declarado as suas intenções, mas falta ver qual é a sua prática política. Até hoje existiu no plano das intenções, falta vê-lo actuar no terreno.

O PRD é sobretudo um fenómeno de protesto, de indignação contra a política da direcção do PS. E é também, naturalmente, mas eu não diria primordialmente, a expressão da esperança e da confiança que portugueses depositam no general Eanes e nas iniciativas que ele assume ou patrocina...

— Há dirigentes socialistas que acusam o PRD de ser um partido movido por messianismos, por um estilo populista. Há razão nessa leitura, em seu entender?

— Não. O PRD foi feito à revelia dos patrões e dos caciques nacionais do nosso País, e dos analistas políticos de Lisboa. Foi feito de baixo para cima. Veio da província para a capital. Isto é exemplar. Isto é um caso único, tanto quanto sei, na Europa. É um caso que devia ser estudado, e que contém aspectos extremamente interessantes, do ponto de vista da sociologia política. Penso que aí reside a sua força. Estatutariamente, o PRD apresenta uma democraticidade interna maior que a maioria dos outros partidos. Registe-se como um mau sinal o problema das listas para Lisboa, nas autárquicas. Os partidos apressados... têm destas coisas.

— Como comenta o episódio Costa Brás?

— Salvo erro não foi em 1985 que se falou pela primeira vez do coronel Costa Brás como candidato à Presidência da República...

— Foi em 1976.

— Em 1976, e em alternativa ao próprio general Eanes. Tem-se considerado, e com razão, que o coronel Costa Brás é uma das mais eminentes figuras do regime saído do 25 de Abril. Como tal, ele tem sido indicado e sugerido para altas funções, incluindo a chefia do Estado. Mas creio que se verificou neste caso a tendência que há em Portugal para o improvável, e que se arrastou demasiado o problema de o coronel Costa Brás concorrer, ou não, às presidenciais. Isto com outros candidatos já implantados no terreno. Além disso dramatizou-se, em termos de opinião pública, a falsa questão de saber se seria preferível um candidato civil ou militar. O facto é que se gerou — e este é um fenómeno que não pode ser escamoteado — uma paixão por um candidato civil, depois de quase 60 anos de militares a sucederem-se na Presidência da República.

— E qual é a sua opinião sobre o candidato Mário Soares, nas actuais condições?

— O dr. Mário Soares tem importantes apoios vindos de diversas áreas políticas e que, apesar disto, traduzem admiração pela sua acção. Mas não é, consensualmente, o candidato da esquerda, e porque também não é um homem de direita, não terá os apoios de direita necessários para compensar a ausência desse consenso à esquerda. Terá alguns votos de áreas que não pertence, talvez do PSD e até mais à direita... Ele deixou-se cair numa situação em que, sendo um homem de esquerda, tem a desconfiança da esquerda e tem a desconfiança da direita. É uma situação difícil para um candidato presidencial.

— Considera-o então «entaldado» entre eleitorais.

— Sim, mas foi ele, com a sua política, que se deixou «entaldar».

— O facto de se opor à candidatura Soares não lhe levanta, a si, problemas como militante do PS?

tes e mais atempadas oportunidades de ver, por parte do País, a consagração dos seus dotes e qualidades.

As hipóteses de candidatura do coronel Costa Brás ficaram seriamente comprometidas pelo «timing» da operação, mas também penso que ele teria tido mais possibilidades se tem actuado, no quadro das funções que exerce como Alta Autoridade Contra a Corrupção, com outro estatuto mais amplo e com poderes mais alargados, ou mesmo se não tivesse exercido essa função.

Cristãos e leões

— Isso significa que os limites legais da Alta Autoridade acabaram por prejudicar a imagem de Costa Brás?

— Penso que alguém decidiu, há bastante tempo, tentar afastar o coronel Costa Brás da corrida para a Presidência da República. E que o fez com certo sucesso, quando o convidou para exercer aquelas funções no quadro legal em que ele as pôde exercer, e que é muito limitado. Num País em que toda a gente fala de corrupção, ao ser criado aquele cargo não se podia esperar mais de um ano sem que «alguns cristãos fossem atirados aos leões».

É preciso salientar, para além disto, que o problema, em relação ao coronel Costa Brás, não se põe em termos pessoais nem morais, mas sim em termos políticos. E politicamente não foram criadas todas as condições e todo o quadro que lhe permitissem encarar, com um mínimo de viabilidade, o sucesso. Ora, ele é uma figura demasiado importante para que o deixássemos derrapar sem glória num processo insuficientemente preparado, e sem o sucesso previamente assegurado. Nas actuais condições, ele não poderia ter desencadeado o entusiasmo, a euforia que são necessários para se conduzir com sucesso uma campanha eleitoral. Aliás, qualquer candidato militar teria, actualmente, problemas, a não ser que tivesse sempre estado muito distante do general Eanes, e completamente descomprometido em relação a ele. Senão estaria sempre naquele papel de «fica aí, que eu já venho» de que se tem falado.

— Consideremos então os candidatos que já estão no terreno, e comecemos por Freitas do Amaral.

— O prof. Freitas do Amaral vem oferecer-nos, de novo, o prato reaquecido da Aliança Democrática. O povo português já disse não à política da bipolarização e vai voltar a fazê-lo pela terceira vez.

A maquiagem e as inovações trazidas ao projecto da Aliança Democrática, nesta nova versão apresentada pelo prof. Freitas do Amaral, esquecem a realidade social, económica, política e cultural em que nos movemos hoje. É uma coisa do passado.

Resta saber se o prof. Cavaco Silva ainda não perdeu isto, ou se estará comprometido com isto.

Dupla desconfiança em Soares

— E qual é a sua opinião sobre o candidato Mário Soares, nas actuais condições?

— O dr. Mário Soares tem importantes apoios vindos de diversas áreas políticas e que, apesar disto, traduzem admiração pela sua acção. Mas não é, consensualmente, o candidato da esquerda, e porque também não é um homem de direita, não terá os apoios de direita necessários para compensar a ausência desse consenso à esquerda. Terá alguns votos de áreas que não pertence, talvez do PSD e até mais à direita... Ele deixou-se cair numa situação em que, sendo um homem de esquerda, tem a desconfiança da esquerda e tem a desconfiança da direita. É uma situação difícil para um candidato presidencial.

— Considera-o então «entaldado» entre eleitorais.

— Sim, mas foi ele, com a sua política, que se deixou «entaldar».

— O facto de se opor à candidatura Soares não lhe levanta, a si, problemas como militante do PS?



João Soares Louro com João Mendes à «Mesa 'DL'» do restaurante «Faz Figura». Freitas do Amaral vai tentar reconstruir a AD a partir do PSD. Resta saber se Cavaco Silva ainda não percebeu isto, ou se está comprometido com isto.

Gerou-se de facto uma paixão por um candidato civil

— Eu já pedi a suspensão da minha qualidade de militante, mas quero voltar ao partido mal terminem as presidenciais. Não gosto de mudar de camisola, mas tenho de agir de acordo com a minha consciência e com os meus ideais políticos.

Não há rapazes maus, mas...

— E como vê a candidatura da eng.^a Maria de Lourdes Pintasilgo?

— Bem, estou a um passo de dizer que «há rapazes maus»... Nesta coisa de ser candidato à Presidência da República tem de se ter, por um lado, qualidade bastante, e por outro de reunir condições indispensáveis. Por esse motivo, não é Presidente quem quer.

De resto, colando-se aos candidatos, há sempre uns brincalhões que, aproveitando as acções eleitorais para a suprema magistratura da Nação, se divertem e transformam um acto do mais alto significado num conjunto de «sketches» do Parque Mayer.

Eu leio sempre a eng.^a Pintasilgo com grande encanto, e ouço-a quase religiosamente. Mas a política não se faz só de boas intenções. A eng.^a Pintasilgo pensa que, se fosse eleita, poderia fazer tudo o que vem prometendo que faria. Mas, talvez sem se dar conta disso, vem fazendo uma campanha como se vivéssemos numa república presidencialista, o que é uma grave equívoco, e uma grande confusão entre propósitos e possibilidades, além de ser uma forma de iludir as questões reais.

Zenha decide sozinho

— Na semana passada, a Imprensa passou a referir-se a si como estando ligado à candidatura do dr. Salgado Zenha. Está, de facto,

ligado a essa candidatura? O dr. Zenha já decidiu candidatar-se?

— Só o dr. Salgado Zenha e mais ninguém — e basta conhecê-lo para se saber que isto é verdade — é que decide se concorre, ou não, à próxima eleição presidencial. Claro que terá de decidir num período muito curto, porque estamos no limite do prazo para qualquer decisão. Quer concorra quer não concorra, insisto, a decisão é dele e só dele. Não há força nem influência que altere a decisão que em consciência ele tiver assumido. Não é um acto de teimosia, é um acto de inteligência e de grande lucidez. No caso de ele concorrer — e eu espero bem que ele venha a fazê-lo — claro que me empenharei com todas as minhas forças, para que ele venha a ser eleito Presidente da República.

Este é uma grande figura moral deste País, um homem de grande lucidez política, a quem muitas vezes me chamou a referência moral do próprio país, como em Portugal. De uma integridade e de uma honradez pessoais e políticas que estão acima de qualquer suspeita.

Por tudo isto, ele pode reunir o consenso de amplas e significativas áreas da chamada esquerda democrática portuguesa. Penso que ele é a figura que pode fazer com que as eleições se decidam a favor dos ideais democráticos tal como os entendemos e como os entende a maioria do eleitorado, que em sucessivos actos eleitorais tem sempre dado mais votos ao que se convencionou chamar «esquerda».

— Evocando de novo as relações entre PS e PRD, pensa que Zenha pode protagonizar a «ponte» entre os dois partidos?

— É evidente que sim. Mais: Zenha é a personalidade que pode ser o regulador das tensões actuais da sociedade portuguesa. Ele será um excelente Presidente da República, um presidente de todos os portugueses, mesmo daqueles que não simpatizam com ele, mas que sabem o que lhe devem. Não é um homem sectário, não é um

homem de aparelho, não é permeável ao jogo de influências, não é vulnerável à intriga, é um homem de rara capacidade e de grande dignidade, que prestigiará a chefia do Estado. No caso de concorrer, todos lhe estaremos reconhecidos quando, em 1991, ele deixar a Presidência da República.

Ninguém é dono dos votos de ninguém

— O que diz significa que, em seu entender, Zenha tem possibilidades de entrar consideravelmente no eleitorado PS, apesar do empenho com que os dirigentes do partido cerraram fileiras em torno de Mário Soares?

— Em Portugal, ninguém é dono dos votos de ninguém, mormente desde 6 de Outubro último: É uma frase que não é minha, mas que poderia sê-lo. Penso que, de facto, convergirá para Zenha a maioria dos votos da «esquerda», e que ele passará facilmente à segunda volta.

Muitos socialistas revêem-se nele e têm-no como ponto de referência. E uma coisa é a orientação da direcção do Partido Socialista, a responsabilidade de assumir apoiando, nas actuais circunstâncias, a candidatura do secretário-geral, outra bem diferente é a consciência de cada um, e a reflexão que cada um fará sobre quem melhor, com mais coerência e mais exemplarmente, tem servido o ideal do socialismo democrático, com menos transigências e flutuações.

— Parte dos analistas políticos têm apresentado a candidatura Zenha como uma «segunda candidatura fabricada no campo eanista». Quer comentar esta apreciação?

— Claro que essa apreciação resulta do pavor, do receio que a possibilidade da candidatura de Zenha está a lançar nas hostes das outras candidaturas. É a candidatura mais receada, mais temida pelas restantes. É natural que ponham essas ques-

tões, e muitas mais. Mas sendo Zenha um homem de grande independência e liberdade, todos sabemos que ele não se verga a uma opinião, nem é um factotum de quem quer que seja. Ninguém pense que, por apoiar Zenha, terá, caso ele seja eleito, o que tenho como certo, um Presidente que o proteja ou de cuja influência se poderá servir. É impensável, tratando-se de quem se trata.

Não é tarde, por ele ser quem é

— Outra dificuldade: não é tarde de mais para lançar uma candidatura, com os outros candidatos já tão implantados no terreno?

— Se fosse outra pessoa, talvez. Tratando-se de Zenha, não. Ele é praticamente tão conhecido como Mário Soares, e o eleitorado respeitava-o desde longa data. Não nasceu ontem para a política e a sua imagem é forte. Não necessita, assim, daquilo que para outros é necessário: um moroso lançamento em pré-campanha.

— O Soares Louro foi presidente da RTP e está, por isso, particularmente bem colocado para avaliar a importância da sua gestão, em períodos de pré-campanha e em períodos eleitorais. Que pensa que vai acontecer na Televisão, agora que o Governo Cavaco Silva está à beira de «passar» na Assembleia?

— Bem, a orientação e o «sinal» que Cavaco Silva dará à Televisão será decisivo para se saber se é, de facto, o projecto da Aliança Democrática que comanda os seus gestos e decisões. Não há dúvida de que esse é o projecto de Freitas do Amaral, agora vamos ver se é também o projecto do «novo PSD». Se Cavaco Silva reconstituir, inclusive com os mesmos quadros, a equipa que foi colocada na gestão da RTP em 1980, quando da campanha para a reeleição do general Eanes em confronto com o general Soares Carneiro, isso será um sinal evidente de que ele pretende favorecer um dos candidatos à eleição presidencial, como então aconteceu. Mais grave que isso, a RTP será conduzida para um estilo que não é o do serviço público de Televisão, agredindo os interesses da maioria dos telespectadores, da maioria dos portugueses.

Esse sinal é muito importante. Se a RTP voltar a vestir pelo figurino de 1980, e até com os mesmos protagonistas...

O PRD e o regresso da AD à televisão

— Esse risco é real?

— ... Penso que sim. Se isso acontecer, não precisarei de mais nada para saber o que há a esperar deste «novo PSD». Mas atenção: se isto vier a passar-se, o PRD terá tido, nesta matéria, um papel gravíssimo.

— O PRD será responsável por Cavaco Silva colocar na Televisão os «gestores da AD»?

— O PRD não pode deixar-se cair nos erros em que caiu o PS. Não pode deixar o PSD governar este País como quiser, submetendo-se a uma chantagem qualquer. Veremos que tipo de relações se estabelecem entre PRD e PSD, mas ninguém esqueça que a especialidade do PSD é exactamente fazer alianças com todos, deixando-os depois cair e mantendo-se sempre vestido como um menino na primeira comunhão. É preciso que o PRD não caia na mesma vertigem em que caíram CDS e PS, e que, por omissão, não venha a comprometer-se nos erros que o Governo venha a fazer.

Além disto quero dizer-lhe que o PRD contou com substanciais apoios de gente da Televisão que tem pelo general Eanes grande admiração... gente que pode vir a ser novamente marginalizada, e — chamemos as coisas pelos seus nomes — perseguida.

— O Presidente da República não tem, igualmente, um papel a desempenhar face à instrumentalização da RTP?

— Penso que o Presidente da República tem de exigir do Governo que a campanha eleitoral decorra de forma a proporcionar iguais condições para todos os candidatos. Não há qualquer razão

para permitir que o exemplo de 1980 se repita. Na altura, o general Eanes também era candidato, o que o colocava numa situação de melindre, mas essa situação não se verifica hoje. O Presidente da República não pode, de modo nenhum, permitir que as pessoas que votaram com ele percam sistematicamente. Uma pessoa da Televisão disse uma vez a este respeito, com muita graça, que, de cada vez que o general Eanes ganha, os amigos, os admiradores e os mais indefectíveis seguidores do general Eanes perdem.

Ganhar e perder com Eanes

— Que quer isso dizer, concretamente?

— Quer dizer que o general Eanes é um homem de grande isenção e rigor, que não privilegia uns em relação a outros. Mas penso que ele leva isto a algum excesso. Chega a ser mais fácil e mais cómodo ser adversário dele, do que seu devotado amigo. Espero que Salgado Zenha, que é igualmente um homem de grande escrupulo e rigor nestas coisas, fique, uma vez eleito, numa situação em que os seus amigos não percam. Poderão não ganhar nada... mas não percam.

— Uma última questão, um tema diferente: que diagnóstico faz da situação portuguesa?

— Portugal precisa de um «check-up». Provavelmente tem de deixar de fumar, de beber menos, de fazer mais exercício físico... Estamos doentes. Estamos, sobretudo, desigualmente doentes. Há partes sãs no nosso corpo nacional, que é uma estrutura complexa. Mas somos um País que, estranhamente, ainda está na era do arado e já está na era dos computadores. Precisamos de ter coragem para deitar contas à vida, identificando aquilo para que temos genuína vocação, e as áreas que temos de abandonar. Sofremos da mania ecléctica, queremos estar em todas e evitamos as opções de fundo que temos de fazer na agricultura, no comércio, na indústria, nos serviços. Temos algumas capacidades, mas não temos capital humano nem recursos muito grandes. Isto levanta a questão da falta de um plano a médio prazo.

Já houve um, o da dr.^a Manuela Silva, mas, embora a Constituição preveja que um projecto dessa natureza deve orientar periodicamente a nossa vida, nunca mais voltou a falar-se dele, ou de outro. Os Governos apresentam com atraso os seus orçamentos anuais, e preferem fazer orçamentos suplementares. Nada fazemos que esteja à altura do nosso passado, nem do espaço comunitário para onde vamos entrar.

Vem aí um grande abanão

— Não é mais exacto falar da entrada da CEE em Portugal?

— Vai haver um abalo sísmico com a entrada da Comunidade em Portugal, mas temos de passar por ele. Nós não sofremos o abanão da Primeira Grande Guerra, porque não a vivemos dentro das nossas fronteiras. Também não sofremos o abanão da Segunda... mas este vamos sofrer.

— E quem é que deveria fazer o «check-up» de que falava?

— É uma pergunta pertinente. Ele deveria ser feito por uma equipa vocacionada para o fazer, com reconhecidas competências nas diversas áreas da vida portuguesa, mas também com gente nova, porque o que nós temos de preparar é o Portugal dessa gente nova, dos anos 90, do ano 2000. Ora, nós estamos a dar aos homens dos 20 e dos 30 anos muito pouca legitimidade, eles estão a ser varridos dos centros de decisão da sociedade portuguesa.

— E a quem deveria pertencer a iniciativa de propor esse «check-up»?

— Penso que a iniciativa deveria ter origem parlamentar, mas que ele deveria transformar-se em objecto de um grande debate público. Os portugueses têm de saber quais são os objectivos e as metas do País, têm de saber para que fazem sacrifícios, para onde vamos, com que meios e para quê. Temos todos de saber porque vamos privilegiar certos sectores, quem servem eles... Só discutindo e clarificando tudo isto poderemos motivar-nos para a reconstrução da nossa vida colectiva.

